



o outro lado
da moeda

*"O malabarista é aquele que encontra um lugar no tempo."
Cildo Meireles*

Caderno de estudos do professor

Professor, este Caderno de estudos é seu. Use-o para questionar, pesquisar, aprofundar, ampliar seus conhecimentos e para preparar suas aulas.

O olho, o que vê?



Pegue a prancha da imagem "Zero cruzeiro", de Cildo Meireles.

O seu olho, o que vê?

- A imagem de uma obra de arte que tem frente e verso.
- Um objeto* do artista Cildo Meireles, realizado entre 1974 e 1978.
- Uma cédula de zero cruzeiro.



Observe os detalhes que formam a cédula-obra de arte:

- o tamanho: 6,5 x 15,5 cm
- as palavras impressas
- a numeração
- os desenhos impressos
- as cores e os tons
- as datas e a assinatura

Cada detalhe foi usado pelo artista para construir significados para "Zero cruzeiro". MAS... por que "Zero cruzeiro"?

O olho, o que percebe?

O seu olho, o que percebe?

UMA CÉDULA DE DINHEIRO BRASILEIRO? UMA OBRA DE ARTE?

Para produzir "Zero cruzeiro", o artista baseou-se na nota de 10 cruzeiros. O cruzeiro é uma moeda que circulou no Brasil na época em que essa obra foi realizada.

Pesquise quando o cruzeiro foi a moeda oficial no Brasil.

Olhe as figuras principais (efígies*):

• De um lado, um índio kraô, sobrevivente de um massacre sofrido por sua tribo, realizado a mando de fazendeiros em Goiás. Esta foto faz parte da documentação sobre o massacre, levantada pelo pai de Cildo Meireles. Ela foi utilizada pelo artista na capa de seu disco "Sal sem carne", de 1975.



• De outro, um doente interno de um hospital psiquiátrico, em foto tirada pelo artista.



Que diferenças e semelhanças você identifica entre as imagens?

"Zero cruzeiro" é um trabalho que mostra uma cédula com valor zero. Apesar disso, ela está carregada de valores simbólicos*. Eles estão relacionados à nação que essa moeda representa: o Brasil.

Esta obra faz pensar sobre temas atuais da política, da economia, da sociedade e da cultura.

Os índios primitivamente estiveram fora do sistema da moeda. Não usavam dinheiro. No Brasil, rasgar dinheiro é prova de estar louco. Ambos – índios e loucos – estariam portanto fora do campo da moeda, do campo do capital. "Zero cruzeiro" é um conflito entre razão e loucura, diz Paulo Herkenhoff.

*Vá para Chave de palavras

Olhe novamente as imagens de cada lado da nota:

Em “Zero cruzeiro”, o dinheiro é o tema* e o suporte*. Ambos constroem o objeto.

- Tema: dinheiro brasileiro
- Suporte: cédula baseada em nota de 10 cruzeiros (tamanho, cor, grafismos, letras, algarismos)
- Objeto: “Zero cruzeiro” é uma obra de arte-cédula semelhante ao dinheiro.

Neste início de século XXI, no Brasil, “Zero cruzeiro” poderia equivaler a “Zero real”.

Nessa obra, Cildo Meireles faz críticas.

Entre outras coisas, ele comenta:

- a exclusão social e cultural (do índio e do doente mental pobre)
- os valores humanos que servem aos valores de mercado
- o trabalho que sustenta o poder
- a arte que é transformada em mercadoria
- o valor/desvalor do dinheiro e das pessoas

O artista levou 4 anos para produzir esse objeto. Ele:

- teve uma idéia
- elaborou um projeto
- produziu imagens combinando técnicas de litografia e off-set* sobre papel
- finalizou o objeto
- produziu uma tiragem* de “Zero cruzeiro”, que circula apenas pelos circuitos artísticos (museus, galerias, coleções...)

“A obra de Cildo Meireles tece memória afetiva, vivências culturais com gente simples, conhecimento científico (com seu fascínio pela Física, Matemática e Geografia) e consciência crítica da História.”

Paulo Herkenhoff, em “Cildo Meireles, Geografia do Brasil”

Olhe a foto do objeto “Little pillow”. Descubra:



- Um outro trabalho de arte – o objeto produzido por Jac Leirner: “Little pillow” (Travesseirinho, 1991, feltro, cédulas de cruzeiro e dólar, manta de poliéster e plástico).
- Um trabalho que também se apropria do dinheiro para construir seus significados.
- Um objeto feito com duas cédulas: uma de 1 dólar e outra de 100.000 cruzeiros.
- Um travesseiro branco, fofo e macio, onde foram costuradas duas cédulas diferentes, uma de cada lado.
- Cédulas protegidas por retângulos de plástico transparente, costurados.

Se a artista utiliza materiais, idéias e pensamentos para construir significados em sua obra, ela também nos convida a descobrir que significados são esses.

Travesseiro e dinheiro – que pode querer dizer Jac Leirner, quando reúne essas coisas tão conhecidas?

Que outros significados ela cria para elas? O objeto “Little pillow” é tridimensional e tem dois lados.

Se um lado fica visível, o outro fica escondido.

Jac Leirner freqüentemente pega coisas do cotidiano fabricadas aos milhares (cinzeiros, sacolas de supermercado, palitos, guardanapos...) e as agrupa, dando a elas outro significado, diferente do usual.

Desse modo, o objeto de Jac nos faz pensar... e pensar...

Como Cildo Meireles, Jac Leirner cria objetos de arte. Em “Zero cruzeiro”, o primeiro elabora uma cédula baseada em outra, já existente. Em “Little pillow”, a segunda apropria-se de cédulas de dinheiro em circulação (na época em que produziu seu objeto) e interfere nelas, colocando-as num “travesseirinho”.

Pegue o cartão. Olhe a xilogravura* de Rubem Grilo.



- Veja: coelhos, cartola, malabares, roda de bicicleta, corda bamba, torneira que cospe moedas, pessoas, tons brancos e pretos, luzes e sombras.
- Leia o título: "Malabarismo" (1984)...
- O que é malabarismo?
- Qual é o "malabarismo" que a obra quer mostrar?

Você percebe que:

- as coisas entram na cartola do "mágico" ao invés de saírem...
- a torneira cospe moedas ao invés de verter água...
- as pessoas não parecem agir como artistas de circo: há nelas uma forte tensão, seus dentes se arreganham, os ossos da mão do "mágico" aparecem à flor da pele, seus rostos parecem máscaras ou caricaturas...

O que mais há de "estranho" nessa imagem?

Nas obras reunidas neste caderno, os 3 artistas discutem a relação entre as pessoas e o dinheiro, o trabalho e o capital, o artista e o mercado, o valor de uso e o valor de troca. Todos os 3 artistas fazem isso de forma irônica, provocativa... Todos eles querem fazer pensar... pensar... pensar...

...também conta uma história

As obras "Zero cruzeiro", "Little pillow" e "Malabarismo" foram agrupadas neste Caderno porque discutem o mesmo tema: capital* e trabalho.



Em "Zero cruzeiro", Cildo Meireles discute a falta de valor de pessoas como o índio kraô ou o doente mental, gente a quem a sociedade geralmente dá "zero valor".



Em "Little pillow", Jac Leirner fura a cédula de 100.000 cruzeiros e a carimba duas vezes, com carimbos diferentes. Do outro lado, a cédula de 1 dólar não sofre uma intervenção direta. Mas as duas cédulas ganham novos significados. Em "Little pillow", o dinheiro perde seu valor real e passa a valer pelo trabalho da artista.



Em "Malabarismo", Rubem Grilo denuncia, entre outras coisas, a manipulação da economia por poderosos (pessoas ou nações) em favor de seus próprios interesses. Se pensarmos na obra do ponto de vista dos problemas que a globalização vem causando ao mundo, ela se reveste de impacto e atualidade.

Realize agora todo o percurso feito até aqui, na sala de aula, com seus alunos. Depois de terem percorridos juntos as 3 obras, proponha a eles que escrevam um texto individual sobre as leituras realizadas, a partir das idéias discutidas por vocês.

Fabricando dinheiro, defendendo valores

Proponha aos professores de Estudos Sociais/História e Matemática uma parceria neste exercício. A história do dinheiro, por exemplo, pode ser um tema estimulante para vocês tratarem juntos. Uma pesquisa sobre as moedas que o Brasil já teve também pode ser um projeto interdisciplinar.

1. Voltem juntos a olhar "Zero cruzeiro".



2. Proponha que cada aluno invente uma cédula com frente e verso. Eles escolherão formato, cores, valor, imagens para efígies, nome do dinheiro e do país de origem. Peça-lhes que, como Cildo Meireles, elaborem um projeto antes de realizá-las.



3. Tudo pronto, juntos inventem um jogo com todos esses dinheiros.

Deixe-os à vontade para brincar, dentro de regras combinadas.

4. Como Cildo, os alunos criaram cédulas-trabalhos de arte pois a escolha de valores e outros elementos constrói significados. Explique a eles que essa apropriação é diferente de falsificação.

5. Proponha à turma a realização de um álbum em que as cédulas criadas sejam guardadas, juntamente com fichas contendo as informações sobre elas. O álbum poderá circular pela escola para ser visto e discutido.

Reinventando "coisas-prontas"

1. Você e toda a turma devem trazer de casa, numa data combinada, um objeto de uso cotidiano. Providenciem tesouras, lápis de cera ou de cor ou canetas coloridas, qualquer tipo de fita adesiva e papel para o exercício.



2. Sentem-se em roda no chão e coloquem as coisas no centro.



3. Cada aluno apresenta o seu objeto com outro nome e outra utilidade. Ex: uma dentadura pode ser um beijador; uma peneira pode ser um chapéu fresco...

4. É importante que eles percebam que, com outro nome e outra função, um objeto conhecido pode virar outra coisa.



5. Peça que cada um escolha um objeto entre os que foram trazidos. Os alunos podem pegar qualquer um, menos o que trouxeram. OBS.: Deixe claro

que, nesse jogo, o senso de humor e a liberdade são mais importantes do que a "posse" do objeto. E explique que, ao final, todo mundo pegará o seu objeto de volta.



6. Com o papel e material para colorir, seus alunos farão etiquetas com o nome e a função que inventaram para os objetos que escolheram. Enquanto fazem isso, prepare um canto da sala para expor os "objetos-prontos": sua mesa ou o chão mesmo, cobertos com um tecido ou papel. Diga-lhes que o nome do autor da idéia também deve ser escrito na etiqueta.

7. Todos exporão seus "objetos-prontos" no lugar preparado.



8. Juntos visitem a exposição e conversem sobre ela e os sentidos percebidos nos objetos.

Inverter para estranhar

Neste exercício, faça uma parceria com o professor de Comunicação e Expressão/Língua Portuguesa. Suas aulas serão enriquecidas se vocês trabalharem juntos.



1. Divida a turma em grupos e marque uma data para cada grupo trazer um jornal inteiro. Não precisa ser um jornal do dia, mas deve ser recente.



2. Reunidos, cada grupo escolherá uma reportagem, artigo ou entrevista que tenha relação com o tema CAPITAL E TRABALHO.

O texto escolhido poderá ser primeiramente lido, discutido e compreendido na aula de Comunicação e Expressão/Língua Portuguesa. O importante é que todos tenham entendido e conversado sobre o que leram.

4. Peça a cada aluno que faça um desenho em papel sulfite, usando apenas uma cor.

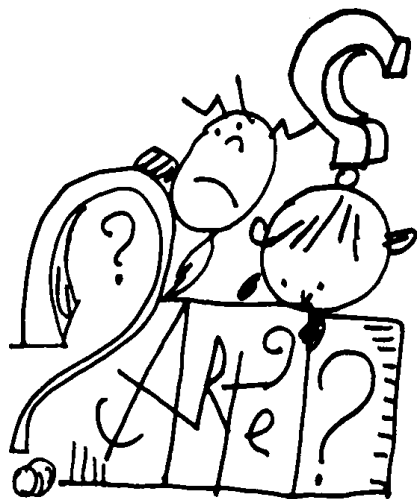
Esse desenho deverá "ilustrar", de forma irônica, a matéria lida.



5. Exponha as produções (o texto verbal e a ilustração) e discuta-as com a turma.



3. Desmanche os grupos e volte a mostrar à classe "Malabarismo", de Rubem Grilo. Você pode dividir com o professor de C&E/LP a discussão sobre as idéias de ironia*, de inversão e de crítica que o artista usa em sua obra.



Este Caderno reúne 3 obras. “Malabarismo”, de Rubem Grilo, pode ser facilmente vista e aceita como obra de arte. As outras duas, nem tanto. O que faz de “Zero cruzeiro” e de “Little pillow” (Travesseirinho) obras de arte? São objetos que causam estranhamento em quem os vê, porque utilizam novas formas de produção, diferentes das tradicionais (pintura, desenho, escultura, gravura...).

Para quem pergunta se isso é arte, a resposta é SIM. Esses objetos nos possibilitam vivenciar a experiência estética*. Ninguém duvida de que as obras do Renascimento sejam arte. Mas quando elas surgiram, na Europa dos séculos XV e XVI, também devem ter causado estranheza. Os objetos da Arte Contemporânea são capazes de inquietar e assim levantar questões sobre o mundo complexo em que vivemos. A produção da arte fala sempre sobre a pessoa (o artista), o tempo e o lugar.

É possível estabelecer diálogos entre as 3 obras e outros saberes. Veja como elas conversam com...

... Matemática

- Conversão de moeda
- Equivalência
- Regra de três
- Porcentagem
- Juros

... História

- A história do dinheiro
- A história do Capitalismo
- Sociedades que não usam dinheiro

... a Música

- Paulinho da Viola: “Pecado Capital” (In: Pecado Capital, 1975, Som Livre)
- Martinho da Vila: “Pra que dinheiro” e “O pequeno burguês” (In: Ao vivo 3.0 turbinado, 1998, Columbia)
- Titãs: “Comida” (In: Jesus não tem dentes no país dos banguelas, 1987, Warner)
- “Me dá um dinheiro aí” (marchinha de carnaval, 1960, Iván Ferreira - Homero Ferreira - Glauco Ferreira)
- Outras músicas que vocês conheçam...

... Comunicação e Expressão/ Língua Portuguesa

- Figuras de linguagem
- Leitura e interpretação de textos visuais e verbais

... Sociologia e a Geopolítica

- O processo de globalização
- O Fórum Social de Porto Alegre e o Fórum Econômico de Davos
- Inclusão e exclusão social

Capital – Riqueza, recursos, dinheiro. Bens que possibilitam a produção ou a posse de outros bens.

Efigie – Representação plástica da imagem de uma pessoa real ou simbólica.

Ironia – Jeito de se expressar em que se diz (ou se mostra) o contrário do que se pensa ou do que todos esperam, justamente com a intenção de criticar.

Experiência estética – Toda obra de arte pode provocar uma experiência que nos dá a sensação de estarmos mais vivos, mais presentes em nós mesmos e no mundo. Sempre que a vivemos, algo se transforma em nós.

Objeto – É um termo que surgiu para designar obras de Arte Contemporânea, que são tridimensionais mas não são esculpidas ou modeladas como uma escultura.

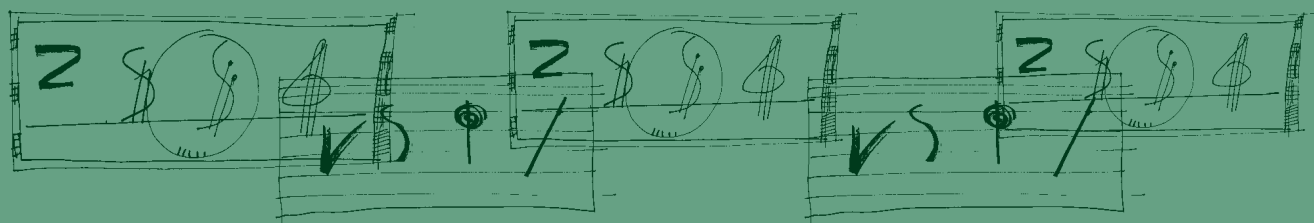
Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli

Porto Alegre

www.margs.org.br



- Visitando este museu, você poderá ver a obra de Jac Leirner.
- Ele possui um acervo composto de pinturas, esculturas, cerâmicas, objetos, instalações, fotografias, desenhos e gravuras de artistas brasileiros e estrangeiros do séculos XIX e XX, com destaque para a arte produzida no Rio Grande do Sul.
- O museu está instalado no centro da cidade, num prédio histórico projetado pelo arquiteto alemão Theo Wiederspahn. Tombado em 1985 e restaurado, é uma das sedes da Bienal do Mercosul e seu nome homenageia o artista e professor Ado Malagoli.



“Em 1963, procurei o ateliê livre da Fundação Cultural de Brasília, onde o artista peruano Feliz Alejandro Barrenechea dava aula. (...) Eu o considero meu professor. Aprendi com ele, sobretudo, uma atitude em relação ao fazer arte. As aulas eram basicamente fundamentos do olhar. Podíamos ficar olhando durante quatro horas para uma mesma tela ou um objeto qualquer. Não se tratava de ressaltar sua excepcionalidade. A idéia era olhar mesmo, impregnar-se do objeto observado, transformar-se nele.”

Cildo Meireles

Leia e pense sobre a idéia de ensino da arte que o professor de Cildo Meireles adotava em seus ateliês: olhar mesmo, muito tempo, apropriar-se do objeto e transformar-se nele. Reflita nos modos como essa idéia pode ajudá-lo a dar significado ao seu trabalho. Experimente você mesmo fazer esse exercício. Que percepções ele acrescenta ao seu olhar? Que segredos ele revela do objeto observado?

Volte a olhar com seus alunos as obras deste caderno. Pensem sobre o percurso que realizaram.

“Zero cruzeiro” fala de valores perdidos que precisam ser reencontrados. “Little pillow” mostra e esconde valores que se complementam e se opõem, como as duas faces de um mesmo objeto ou os dois lados de uma moeda. “Malabarismo” é viver num mundo em que precisamos equilibrar muitas coisas ao mesmo tempo.

Um outro malabarismo é aquele a que a arte nos convida, propondo um equilíbrio entre a imaginação e a realidade, ensinando-nos a pensar e a viver a vida com humor, ironia e leveza.

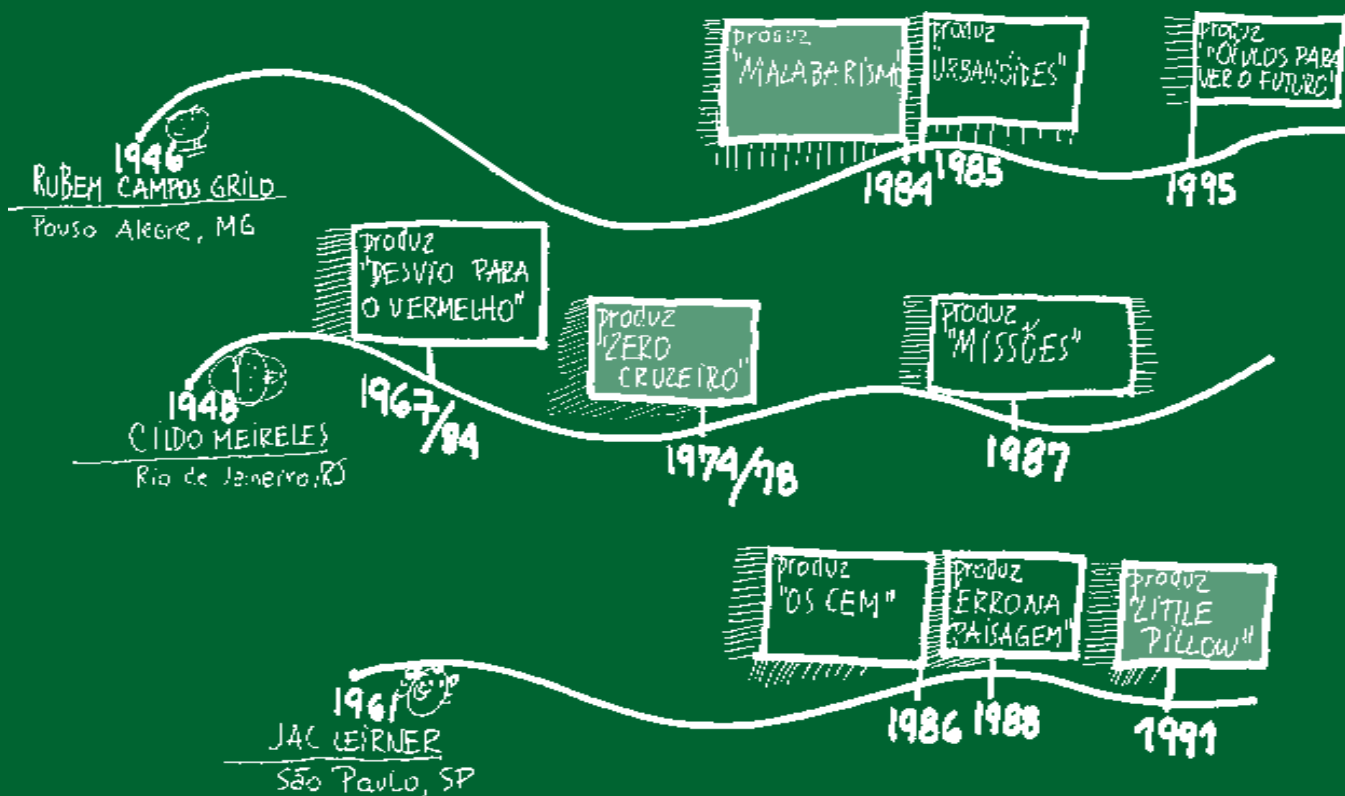
Off-set – É um processo gráfico de impressão e reprodução.

Suporte – Material que serve de base para o artista realizar um trabalho de arte (tela, papel, madeira...) e que dialoga com o trabalho. O suporte também cria sentido no contexto do trabalho.

Tiragem – É o número de cópias produzidas a partir de uma mesma matriz.

Valor simbólico – Valores expressos ou representados por meio de imagens, símbolos.

Xilogravura – Gravura produzida a partir de uma matriz de madeira escavada com instrumentos apropriados. Permite uma tiragem (cópias).



LIVROS

- CHIARELLI, Tadeu. "Arte internacional brasileira". São Paulo: Lemos, 1999.
- COSTELLA, Antonio F. "Introdução à gravura e história da xilografia". São Paulo: Mantiqueira, 1984.
- "Gravura Arte Brasileira do século XX". São Paulo: Itaú Cultural/Cosac & Naify, 2000.
- GRILLO, Rubem. "Arte menor: xilogravuras". Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 1996.
- HERKENHOFF, Paulo. "Cildo Meireles, geografia do Brasil". Rio de Janeiro: Artviva, 2001.
- LEIRNER, Jac. In: AGUILAR, Nelson (org.) "Mostra do Redescobrimento: arte contemporânea". São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2000.
- "Tridimensionalidade: arte brasileira do século XX". São Paulo: Itaú Cultural/Cosac & Naify, 1999.
- VALE, Marcos do; FAJARDO, Elias e SUSSEKIND, Felipe. "Oficinas de gravura". São Paulo: Senac, 1999.



SÍTIOS

- Pesquisa sobre artes e artistas: <http://www.itaucultural.org.br>
- Rubem Grilo <http://www.tvcultura.com.br/aloescola/artes/macusp/viagemdasvanguardas-macusp2.htm>
- Museus <http://www.margs.org.br>
- Sobre cédulas e moeda: <http://www.bcb.gov.br> <http://www.casamoda.com.br/> <http://www.geocities.com/arcadotesouro/catalogomoedas.htm>
- Músicos e músicas: <http://www.martinhodavila.com.br>

Patrocínio:



Realização:



Publicação integrante do projeto **Arte BR** desenvolvido pelo Instituto Arte na Escola. Todos os direitos reservados.
Alameda Tietê, nº618 – Casa 1 – CEP 01417-020 – São Paulo-SP – Tel. (0 XX 11) 3060-8388
www.artenaescola.org.br